



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS-GEOGRAFIA

BRUNA SILVA SAMPAIO

ISADORA CRISTINA MARTINS CARDOSO

**MINIBIOGRAFIAS DE PERSONAGENS MARANHENSES PARA ABORDAR O
ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

GRAJAÚ – MA
2026

BRUNA SILVA SAMPAIO

ISADORA CRISTINA MARTINS CARDOSO

**MINIBIOGRAFIAS DE PERSONAGENS MARANHENSES PARA ABORDAR O
ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Geografia, do Centro de Ciências Grajaú, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Ciências Humanas – Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Machado Lima Pereira.

GRAJAÚ – MA
2026

Ficha Catalográfica

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Sampaio, Bruna / Isadora Cristina Martins Cardoso.

MINIBIOGRAFIAS DE PERSONAGENS MARANHENSES PARA ABORDAR O
ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA /
Bruna Silva Sampaio, Isadora Cristina Martins Cardoso. - 2026. 24 f.

Orientador(a): Marco Antônio Machado Lima Pereira. Curso de Ciências Humanas -
Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú - Ma, 2026.

1. Lei 10.639/2003. 2. Ensino de História. 3. Personagens Afro-brasileiros. I. Machado
Lima Pereira, Marco Antônio. II. Martins Cardoso, Isadora Cristina. III. Título.

BRUNA SILVA SAMPAIO

ISADORA CRISTINA MARTINS CARDOSO

**MINIBIOGRAFIAS DE PERSONAGENS MARANHENSES PARA ABORDAR O
ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

Aprovada em: 20/02/2026

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Marco Antônio Machado Lima Pereira
(Orientador)**

**Profa. Dra. Caroliny Santos Lima
(UFMA/Grajaú)**

**Profa. Dra. Sabrina Steinke
(UFMA/Grajaú)**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, pela vida, pela força e pela sabedoria concedidas ao longo desta caminhada, tornando possível a concretização deste trabalho.

Às nossas famílias, pelo amor, apoio, incentivo e compreensão nos momentos de dificuldade, sendo base fundamental para que este sonho se tornasse realidade.

Ao nosso orientador, Prof. Dr. Marco Antônio Machado Lima Pereira, pela orientação, paciência, dedicação e pelos valiosos ensinamentos que contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho e para nossa formação acadêmica.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Geografia da Universidade Federal do Maranhão, pelos conhecimentos compartilhados e pela contribuição em nossa trajetória acadêmica.

Aos colegas e amigos, pelo companheirismo, apoio e troca de experiências ao longo dessa jornada.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, nossos sinceros agradecimentos.

MINIBIOGRAFIAS DE PERSONAGENS MARANHENSES PARA ABORDAR O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

MINI-BIOGRAPHIES OF FIGURES FROM MARANHÃO TO ADDRESS THE TEACHING OF AFRO-BRAZILIAN HISTORY AND CULTURE IN BASIC EDUCATION.

MINIBIOGRAFÍAS DE PERSONAJES DE MARANHÃO PARA ABORDAR LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA Y LA CULTURA AFROBRASILEIRA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMO

Ensinar história da África e da cultura afro-brasileira é uma maneira de romper com a estrutura de pensamento eurocêntrico que até hoje caracteriza a formação escolar no Brasil. O objetivo central do artigo é apresentar possibilidades para se abordar de forma qualificada os conteúdos curriculares relacionados à história da cultura afro-brasileira. As minibiografias em conjunto com sugestões de atividades didáticas podem servir como um guia a ser utilizado como apoio às práticas dos/as docentes que atuam na educação básica. A expectativa é que este material possa inspirar experiências de ensino-pesquisa, incorporando outros personagens e lançando luz sobre outros protagonistas da nossa história.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003; Ensino de História; Personagens Afro-Brasileiros.

ABSTRACT

Teaching the history of Africa and afro-brazilian culture is a way of breaking with the Eurocentric thinking structure that still characterizes school education in Brazil. The main objective of this article is to present possibilities to approach the curricular contents related to the history of afro-brazilian culture in a qualified way. The short biographies accompanied with suggestions for didactic activities can serve as a guide to support the practices of teachers working in basic education. This material is presented with the intention of inspiring teaching-research experiences, incorporating other characters and shedding light on other protagonists of our history.

Keywords: Law 10.639/2003; History Teaching; Afro-Brazilian Characters.

RESUMEN

Enseñar la historia de África y la cultura afrobrasileña es una forma de romper con el pensamiento eurocéntrico que aún caracteriza la educación escolar en Brasil. El objetivo principal de este artículo es presentar posibilidades para abordar los contenidos curriculares relacionados con la historia de la cultura afrobrasileña de forma cualificada. Las minibiografías, acompañadas de sugerencias de actividades didácticas, pueden servir de guía para apoyar las prácticas de los maestros de educación básica. Este material se presenta con la intención de inspirar experiencias de enseñanza-investigación, incorporando otros personajes y arrojando luz sobre otros protagonistas de nuestra historia.

Palabras clave: Ley 10.639/2003; enseñanza de la Historia; personajes afrobrasileños.

INTRODUÇÃO

Brasil, meu nego, /deixa eu te contar/a história que a história não conta, /o avesso do mesmo lugar/Na luta é que a gente se encontra/Brasil, meu dengo a Mangueira chegou/ Com versos que o livro apagou/Desde 1500/tem mais invasão do que descobrimento, /tem sangue retinto pisado/atrás do herói emoldurado/Mulheres, tambores, mulatos/Eu quero o país que não está no retrato¹.

O título do presente artigo² é inspirado pelo debate trazido à esfera pública pelo samba-enredo da escola de samba Mangueira, intitulado *História para ninar gente grande*. A Estação Primeira de Mangueira se sagrou vitoriosa no carnaval de 2019 do Rio de Janeiro com sua proposta de contar o “avesso” da história do Brasil, com um samba-enredo cujo repertório trouxe para o primeiro plano as lutas de negros/as, indígenas e mulheres ao longo dos séculos. Por outro lado, cabe observar que o texto a seguir é resultado de um projeto de ensino desenvolvido com três estudantes bolsistas do curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Grajaú-MA, no âmbito do programa Foco Acadêmico, vinculado à Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAES).

Além do samba-enredo anteriormente citado, outra fonte de inspiração para o projeto foi a 11ª Olimpíada Nacional em História do Brasil, que em junho de 2019 propôs a criação do dicionário biográfico *Excluídos da História*³. O resultado final foi a produção de 2.251 verbetes sobre personagens pouco estudados na historiografia. Os participantes produziram quatro páginas de um livro didático, trazendo um personagem dali ausente, mas por eles identificado como relevante. Não poderíamos deixar de mencionar a iniciativa de docentes do Instituto Federal de São Paulo que compõem o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) e que produziram material de apoio didático com sugestões de biografias de personalidades negras e indígenas para abordar o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena na sala de aula⁴.

Entre os meses de setembro/2021 a agosto/2022 mapeamos as trajetórias de artistas, intelectuais e ativistas negros/os maranhenses do século XX. São eles: Célia Sampaio (cantora e compositora); João do Vale (cantor, músico e compositor); Maria do Espírito Santo Tavares dos Santos (médica e militante comunista); Mestre Atenas (pintor, organizador e mestre da cultura popular); Salgado Maranhão (poeta e letrista de música popular); Ubirajara Fidalgo (ator, autor e

¹ Excerto do samba-enredo *História pra ninar gente grande*, Estação Primeira de Mangueira, 2019. Compositores: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino.

² Convém assinalar que a versão ampliada desse trabalho foi publicada na revista *Temporalidades*, periódico dos pós-graduandos do departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/58759>

³ Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/> Acessado em: 08/06/2021.

⁴ Disponível em: <https://itp.ifsp.edu.br/index.php/orgaos-colegiados-e-comissoes/neabi-nucleo-de-estudos-afro-brasileiros-e-indigenas> Acessado em: 08/06/2021.

diretor teatral).

Em dezembro de 2021 os bolsistas fizeram um levantamento de fontes concernentes a cada um dos personagens escolhidos. Lançamos mão de pressupostos que permitiram aos bolsistas pensar historicamente, a saber, a delimitação dos personagens a serem pesquisados, o levantamento/análise de documentos e a produção e divulgação do material de apoio didático. Nesse sentido, “é muito importante dar autonomia aos estudantes para que decidam que fontes vão usar e que caminhos vão seguir para dar conta da questão da pesquisa e produzir os resultados sugeridos” (Alberti, 2012, p. 66-67).

Os acervos disponíveis online foram priorizados para o levantamento de documentos e de bibliografia. Felizmente, inúmeros sites e acervos digitais dispõem de farto material aberto ao público leitor, como por exemplo, o Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira, o Museu AfroBrasil, o Geledés, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), o portal Literafro da Faculdade de Letras da UFMG, a Enciclopédia Itaú Cultural, a Brasileira da Biblioteca Nacional, o site do Instituto Moreira Salles e, por fim, as páginas Memórias da ditadura e Memorial da Resistência.

Valemo-nos de abordagens metodológicas acerca do estudo de trajetórias e biografias provenientes do campo historiográfico (Borges, 2008; Pereira, 2000; Schwarcz, 2013). Processos biográficos, como salientou Lília Schwarcz (2013, p. 56), não são como “avenidas pavimentadas e de sentido único e nem tampouco seguem uma linearidade progressiva – nos termos de uma sucessão mecânica entre causas e efeitos”. Portanto, é preciso estar atento/a às especificidades dos personagens analisados, situando-os em seu grupo, contexto social e tempo histórico.

A pesquisa e análise crítica das fontes, sejam elas orais, escritas ou imagéticas, seguiram as indicações atuais da historiografia, em particular as que debatem o emprego de fontes para ações didáticas (Alberti, 2012). As questões que se seguem compõe esse exercício de inventário analítico de fontes: a) quem é o autor, quando a produziu e quais suas intenções?; b) o que a fonte me diz sobre o personagem biografado?; c) o que ela me permite dizer sobre o mundo em que o personagem viveu?; d) o que a fonte não me diz e como posso saber mais?

Em que pesem as lacunas no tratamento das/os personagens negras/os como sujeitos e agentes da história, não há como ignorar que os temas ligados à cultura afro-brasileira ganharam espaço nas reflexões e ações dos/as educadores/as e pesquisadores/as nas últimas décadas. Se a luta pela superação do racismo e da discriminação racial se constitui como responsabilidade de todo/a e qualquer educador/a, torna-se necessário dedicar um espaço efetivo para os/as personagens da diáspora negra nas Américas em nossos programas curriculares, bem como em nossos projetos de pesquisa, ensino e extensão. Nesse sentido, convém destacar que o enfoque de nossa proposta

reside no estudo de artistas, intelectuais e ativistas negros/as maranhenses.

De acordo com os dados do último censo demográfico publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), os afrodescendentes compõe a maioria da população do estado maranhense (79%). A representação quantitativa, também expressa nas práticas, memórias e experiências do estado, devem-se, sobretudo ao tráfico transatlântico entre os séculos XVIII e XIX, responsável por milhares de negros escravizados da Costa da Mina e da Guiné.

Atualmente, o Maranhão possui mais de 700 comunidades quilombolas que se localizam na região da baixada maranhense e próximas aos rios Itapecuru e Mearim (Brasil, 2019, p. 11). Deste modo, as narrativas acerca das diferentes territorialidades ocupadas pelas populações negras nas áreas urbanas e rurais e as suas experiências de vida devem estar presentes nos conteúdos escolares. Trata-se de um esforço de saldar parte da dívida dos currículos das escolas em relação ao direito de grande parte da população brasileira de ter suas histórias incluídas, conhecidas e estudadas (Pereira; Monteiro, 2013, p. 10).

O trabalho em torno da temática africana e afro-brasileira, diz Lorene dos Santos (2013, p. 69), pode tornar-se “uma oportunidade peculiar de autoidentificação, significando, em alguns casos, um importante e surpreendente descoberta e valorização da própria negritude”. Dito de outro modo (Santos, 2013, p. 70)., “quando os professores empreendem propostas pedagógicas direcionadas à posituação dessa identidade, tal trabalho se apresenta, para muitas crianças e adolescentes, como uma primeira e importante oportunidade de reconhecer-se e afirmar-se como negro”.

Nos afinamos às iniciativas de docentes cujos trabalhos pedagógicos têm como um dos objetivos centrais promover a valorização da história e cultura africana e afro-brasileira tendo em vista à posituação da identidade negra e, igualmente, a reeducação das relações étnico-raciais (Santos, 2013, p. 71). Desse modo, positivar a identidade negra a partir do estudo – e valorização – de elementos das culturas africanas e afro-brasileiras tem sido um caminho trilhado por muitos professores ao longo das últimas décadas (Santos, 2013, p. 72).

EXPERIÊNCIA DE ENSINO-PESQUISA: MINIBIOGRAFIAS AFRO-MARANHENSES

O eixo central de nossa proposta consiste em articular pesquisa e ensino para a produção de um material de apoio didático contemplando verbetes biográficos sobre personagens afro-brasileiros. Com isso, almejamos colaborar para a efetiva implementação da Lei 10.639/2003, conforme prevê as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, sobretudo no que diz respeito à divulgação e estudo da participação de personagens afrodescendentes “em episódios da história

do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social” (Brasil, 2004, p. 22).

Desse modo, foram produzidas minibiografias que serão expostas a seguir em ordem alfabética: Célia Sampaio; João do Vale; Maria do Espírito Santo; Mestre Atenas;; Salgado Maranhão; Ubirajara Fidalgo. A partir da produção dos verbetes, elaboramos sugestões de atividades para abordar o ensino de história e cultura afro-brasileira em sala de aula, oferecendo subsídios para que outros colegas de profissão e/ou futuros/as professores/as possam trabalhar com os temas relativos à importância da educação para as relações étnico-raciais e da luta pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil. Além disso, esperamos nos somar a necessária construção de uma pedagogia antirracista e cidadã na educação básica, desenvolvendo junto com a comunidade acadêmica e escolar projetos capazes de desconstruir discursos/práticas discriminatórias.

Na esteira das reflexões de Anderson Oliva e Maria Telvira da Conceição, a lei n. 10.639/03 deve ser pensada como fruto da insurgência e da luta antirracista dos movimentos sociais e intelectuais negros/as e seus aliados/as que por décadas travaram (e ainda travam) batalhas árduas contra o racismo e o colonialismo intelectual que sempre estiveram na base da nossa história e do sistema educacional. Por outro lado, a colonização eurocêntrica e racista dos currículos escolares brasileiros tem se constituído em um fenômeno de longa duração que se impôs como resultado de uma opção elitista e violenta por parte do Estado brasileiro, mormente no que tange “à presença e às indiscutíveis contribuições dos povos africanos, dos povos indígenas e da população negra na história nacional e na história do mundo” (Oliva; Conceição, 2023, p. 8).

Levando em conta os inúmeros desafios com os quais nos deparamos no sentido de encarar as marcas do colonialismo, racismo, elitismo, sexismo e escravidão em nossa história, temos ainda a necessidade de superação do eurocentrismo e do colonialismo epistêmico que demanda um movimento mais profundo, “que não apenas modifique algumas ‘folhas da árvore do conhecimento eurocentrado’” (Oliva; Conceição, 2023, p. 22-23). Com efeito, será preciso arrancar essa árvore até suas raízes, como reivindicam Oliva e Conceição, plantando em seu lugar outro saber/conhecimento pluriepistêmico. Embora seja relevante destacar os inúmeros avanços promovidos pela lei n. 10.639/03 e as pequenas fissuras provocadas nos currículos do país, os sentidos da História continuam ancorados nos silêncios e nos racismos/colonialismos epistêmicos, o que exigirá por parte dos/as educadores/as a promoção de ações críticas contínuas para desconstruir seus efeitos (Oliva; Conceição, 2023, p. 28).

A escolha dos verbetes e dos homens e mulheres biografados/as foi feita levando em

consideração a relevância, política, cultural e social das personagens históricas para suas comunidades locais e nacionais. No campo das artes, destacamos mulheres e homens como Célia Sampaio, João do Vale, João da Cruz Atenas, Salgado Maranhão e Ubirajara Fidalgo, que por meio de suas performances artísticas, deram vazão às experiências e lutas da população afro-brasileira, influenciando a cultura e a sociedade. Finalmente, no campo político, destaca-se a figura de Maria do Espírito Santo, que engajou na luta pela igualdade racial e de gênero, ocupando espaços de liderança e representatividade ao longo dos anos 1970-80.

CÉLIA SAMPAIO⁵ **1964/São Luís**

Célia Sampaio é cantora e compositora. Conhecida nacionalmente como a “dama do reggae”, nasceu no dia 30/03/1964 e cresceu no bairro da Liberdade em São Luís-MA. Formou-se em técnica de enfermagem. Em 1984, começou sua carreira cantando no Bloco Afro Akomabu, primeiro bloco afro do carnaval maranhense. Foi a única mulher a integrar a banda Guethos, a primeira banda de reggae a tocar no teatro Arthur Azevedo, localizado em São Luís. Atuou como baking vocal de cantores de reggae internacional, tais como Erick Donaldson e Judy Boucher. Em 1999, decidiu iniciar carreira solo, fazendo a abertura do show de Rita Ribeiro no Sesc-Pompéia, na capital paulista. Com esse show, Célia Sampaio ganhou visibilidade perante outros artistas da música brasileira, como por exemplo, Virgínia Rodrigues, Mestre Ambrósio, Leci Brandão, Chico César e Nação Zumbi. No ano seguinte, lançou seu primeiro CD, intitulado “Diferente”, que trazia composições de músicos maranhenses já reconhecidos no estado: Paulinho Akomabu, Alê Muniz e Mano Borges. Com esse disco, Célia ganhou o prêmio Universidade FM, importante no cenário musical maranhense. A cantora e compositora ainda participou de discos de cantores como Zé Lopes, das bandas de rap Clã Nordestino e Reação, do Bloco Afro Akomabu, do CD do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), ao interpretar a música *Passamento*, composição de Joãozinho Ribeiro.

Ao lado da cantora Alcione, Célia Sampaio participou do show SOS Maranhão, em 2009, angariando fundos para os moradores que tiveram suas casas devastadas pelas chuvas no estado do Maranhão. Neste mesmo ano, Célia Sampaio lançou a coletânea *Oyá*, que contempla os grandes sucessos gravados pela artista no decorrer de sua trajetória musical. Em 2011, Célia foi homenageada no I Troféu Black Power, em São Luís, onde estiveram presentes e foram premiados os grandes nomes do reggae do Maranhão. Em janeiro do ano seguinte, a cantora

⁵ As informações relacionadas à trajetória de Célia Sampaio foram coletadas no site: <https://celiasampaio.webnode.com.br/biografia/>

venceu a 8ª Mostra de Música do Bloco Afro Akomabu por sua interpretação da canção *Negro Axé*, composição de Marco e Henrique Duailibe.

Foi uma das homenageadas no carnaval de 2012 pela escola de samba *Unidos de Ribamar*, cujo enredo mencionava a importância do bairro da Liberdade, considerado o maior quilombo urbano das Américas, bairro onde Célia Sampaio nasceu e viveu grande parte de sua vida. Em janeiro de 2013, sagrou-se vencedora do 12º Festival Maranhense de Música Carnavalesca promovido pelo Sistema Mirante, com a canção *Raça Bomba*, levando os prêmios de “melhor música” e “melhor intérprete”. Pela Negro Axé Produções participou dos shows *Negro Axé* (agosto/2013), *Canto pra Iansã* (dezembro/2013), *Aos Nossos Mestres* (março/2014) e *Coisas Nossas* (agosto/2014). Foi também a Negro Axé que produziu o show *Crioula* que comemorou os 50 anos de idade e 25 anos de carreira da cantora em julho de 2020.

Em novembro de 2022, no dia nacional da consciência negra, a “dama do reggae” lançou novo álbum. Entre as canções do novo disco figura um poema de Maria Firmina dos Reis, intitulado *Ela*, musicado por Socorro Lira e agora interpretado por Célia Sampaio. No repertório, a artista interpreta canções de compositores da Ilha como Gerude, Escrete, Paulinho Akomabu, Henrique Menezes, Bruno Guerreiro e Mari Martins. O álbum ainda contou com participações de Zeca Baleiro e Adnon.

JOÃO DO VALE⁶ **1933-1996/PEDREIRAS E SÃO LUÍS**

João Batista do Vale, nascido em 11/10/1933 em Pedreiras-MA, foi um musicista maranhense, apelidado como “pé de xote” por gostar muito de música. Neto de escravizados e do interior do estado do Maranhão, passou a vender doces muito cedo para ajudar na renda familiar, uma vez que não frequentava a escola devido às desigualdades socioeconômicas. Na sua infância ficou muito nítido todo o preconceito racial que mais tarde ele iria escrever em seus versos.

Desde cedo João do Vale precisou trabalhar e sem demora se mudou para São Luís para poder ajudar sua família. De dia trabalhava como pedreiro e a noite tornava-se brincante de bumba-meu-boi. Posteriormente, começou a ganhar a vida com os versos musicais que o mesmo compôs ao longo de sua trajetória. João do Vale trabalhou como pedreiro, vendedor de frutas, garimpeiro, etc. Durante as suas viagens, começou a frequentar lugares no qual passou a se interessar, como programas de rádio, na expectativa de mostrar seus versos autorais para que

⁶ Alguns dados biográficos de João do Vale também podem ser acessados na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/10329-joao-do-vale>

fossem gravados e assim pudesse melhorar de vida. E assim, com as poucas composições que tinha passou a ter a sua primeira gravação.

Sua primeira composição, chamada *Madalena*, foi gravada em 1953 por Zezé Gonzaga. Logo depois compôs uma música com Luís Vieira, porém o musicista João do Vale teve suas contrariedades para receber seus direitos autorais pelo fato de ainda ser apenas um garoto. Enquanto trabalhava como ajudante de pedreiro na cidade do Rio de Janeiro, o personagem começou a presenciar a circulação de suas músicas. Após o sucesso no rádio, João do Vale passou a mostrar sua voz nos palcos, cantando sambas, xotes e baiões.

As músicas de João do Vale logo ganharam os rádios e depois o Brasil todo, fazendo com que seu sonho de se tornar artista se realizasse. Após a sua participação como figurante no filme *Mãos sangrentas* (1954), dirigido por Carlos Hugo Christensen, onde conheceu Roberto Farias, assistente de direção que em pouco tempo o chamou para produzir a trilha sonora de seu filme, *No mundo da lua* (1958).

Morando há mais de dez anos no Rio de Janeiro e com várias músicas gravadas, João do Vale foi convidado por Cartola a frequentar o Zicartola, ambiente onde surgiu a ideia do *Opinião*, um musical de protesto contra a ditadura militar recém-instalada. O espetáculo – cujos autores eram Paulo Pontes, Ferreira Gullar, Armando Costa e Oduvaldo Viana Filho e que contou com a direção de Augusto Boal – reuniu um compositor urbano (Zé Kéti), um nordestino (João do Vale) e uma moça da alta classe média (Nara Leão). Encenado no Teatro de Arena, em Copacabana, a partir de 10/12/1964, o espetáculo mostrava canções contestadoras, como *Carcará*, lançado por Nara Leão, mas que acabaria consagrando a cantora estreante Maria Bethânia (Severiano; Mello, 1998, p. 83-84).

Carcará é a mais conhecida composição da obra do artista maranhense João do Vale, “um observador profundo da paisagem e da vida nordestina”. “Um tipo de gavião, [...] sabe superar os problemas da sobrevivência, porque ao sentir fome ‘pega, mata e come’, e quando em perigo ‘avoa que nem avião’. Valente e decidido, ‘mais coragem do que home’, o carcará simboliza o ideal libertário da canção” (Severiano; Mello, 1998, p. 83-84).

A sensibilidade de suas músicas fez com que tivesse bastante prestígio e como consequência foram surgindo outros encontros que levaram a novas parcerias, shows e filmes. João do Vale teve parcerias gravadas com Nara Leão, Luís Vieira, Maria Bethânia, Chico Buarque, entre outros diversos cantores/compositores. João do Vale faleceu no dia 06/12/1996 em São Luís, por consequência de um derrame cerebral.

MARIA DO ESPÍRITO SANTO⁷

1948/BACABAL

Conhecida como “Santinha”, a médica e comunista nasceu no dia 15/05/1948 no interior de Bacabal-MA. Ainda na infância, mudou-se com os pais para São Luís-MA. Sua mãe era uma “mulher do interior do Maranhão”, adepta dos antigos costumes e com uma vivência firmada no papel tradicional feminino. Seu pai, por sua vez, foi operário e militante comunista e, no estado do Maranhão, participou de diferentes ações políticas. Teve como principal referência seu pai, pois a incentivou a se formar em medicina e participar do Partido Comunista.

Assim, desde a juventude, Maria do Espírito Santo afirmou ter sido influenciada pela militância política paterna. Na busca por obter um trabalho considerado “igual a de homem” conforme as palavras de seu pai, “Santinha” optou por estudar medicina. Dessa forma, ela iniciou sua formação acadêmica na área da saúde em 1968, em São Luís. Ainda durante seus estudos na capital maranhense, porém, quando decidiu se qualificar no ramo da cirurgia, ela começou a perceber certos obstáculos ligados ao lugar da mulher na sociedade brasileira (Silva, 2015, p. 01-02).

Em 1971, optou por transferir seu curso para a região sudeste, concluindo seu percurso acadêmico na Faculdade de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tendo no horizonte associar sua carreira profissional de médica com as demandas do partido, ela decidiu se qualificar no domínio das doenças infectocontagiosas e parasitárias, “enfermidades consideradas pela médica como proliferadas principalmente nas camadas mais desfavorecidas da sociedade” (Silva, 2019, p. 256).

Vale recordar que foi no âmbito da organização do Partido Comunista Brasileiro (PCB), no Rio de Janeiro, que a personagem relatou ter conhecido Armando, seu atual companheiro e pai de seus filhos gêmeos. Maria do Espírito Santo apontou as discussões sobre a “questão da mulher” no interior do Partido Comunista como um dos fatores responsáveis pela formação de coletivos feministas. Desse modo, foi no âmbito do PCB que, inicialmente, “Santinha” se identificou com o feminismo.

No início dos anos 1970, Maria do Espírito Santo foi encarregada pelo PCB a participar do movimento feminista com a finalidade de agregar novas filiadas. A princípio, elas promoviam grupos de reflexão, isto é, espaços compostos unicamente por mulheres nos quais podiam se reunir e se conscientizar, principalmente sobre os assuntos relativos às experiências cotidianas tais como as diferentes fases de suas vidas, o acesso à educação, as diferentes formas de opressão vividas no contexto familiar, a relação com seus corpos e com os companheiros/as etc.

⁷ As informações de caráter biográfico de Maria do Espírito Santo também foram coletadas de SILVA (2019).

Em 1975, participou da organização do Ano Internacional da Mulher, o qual obteve o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) e, alguns dias depois, participou da criação do Centro da Mulher Brasileira (CMB), entidade da qual foi membro fundadora. Empenhada em contribuir com seus conhecimentos acadêmicos, Santinha atuava no CMB enquanto médica, “na produção de congressos e conferências, pesquisas científicas e documentos militantes, bem como organização espaços concretos de atendimento clínico” (Silva, 2019, p. 265). Cabe ainda destacar que enquanto médica, militante comunista e feminista, Santinha atuou no final dos anos 1970 nos bairros periféricos da cidade do Rio de Janeiro somando-se à luta das trabalhadoras domésticas que se organizavam politicamente (Silva, 2019, p. 268).

Em 1983, Maria do Espírito Santo fez parte da equipe que constituiu o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM). Em 1986, foi uma das organizadoras do Primeiro Encontro de Saúde da Mulher. “Santinha” saiu do PCB em 1982 e no ano seguinte, em 1983, em Brasília, colaborou com a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), contribuindo na elaboração de políticas públicas voltadas à saúde sexual e reprodutiva das mulheres. Analisando sua trajetória, percebe-se que foi no interior do PCB, grupo político em que militava desde os anos 1970, que Maria do Espírito Santo começou a se interessar pelo tema da igualdade de gênero e, por conseguinte, “a pensar o feminismo enquanto prática de vida e prática política” (Silva, 2015, p. 13).

MESTRE ATENAS⁸ **1957/TERESINA**

João da Cruz Atenas, nascido no dia 18/12/1957 em Teresina-PI, casado, pai de 7 filhos e 8 netos é conhecido como mestre Atenas. Por ser de grande influência, o mesmo carrega o título popular de mestre. Acolhido como filho de Grajaú-MA, é conhecido pelo seu trabalho cultural e musical. João Atenas e sua família mudaram-se para o Maranhão em busca de oportunidades e uma vida melhor. Mestre Atenas tinha apenas 27 anos quando se mudou para Pedreiras-MA e logo se envolveu com projetos culturais. Todavia, diante das necessidades, passou a trabalhar em diversas áreas, além da música. Mestre Atenas se destacou como figurinista e também atuando em outras áreas como pintor artístico, pedreiro, artesão, compositor, cavaquinhista e cantor.

Mestre Atenas chegou a Grajaú-MA em 1986, quando fundou o bloco carnavalesco *Bafo da Onça*, no bairro Expoagra. Foi um dos fundadores do grupo *Bumba-Meu-Boi Brilho da Noite*,

⁸ Todas as informações de cunho biográfico de Mestre Atenas foram reunidas a partir de uma entrevista realizada no Ponto de Cultura na cidade de Grajaú/MA em 30/09/2022 (ATENAS, 2022). A página do Instagram de João da Cruz Atenas está disponível em: https://www.instagram.com/joao_atenas/

fundado em 09/04/1991 e que atualmente abrilhanta os terreiros de bumba-meu-boi com cantorias de toada. Atenas também toca tarol e é percussionista na banda municipal de Grajaú-MA há cerca de 22 anos. Aprendeu a dominar o cavaquinho por necessidades do seu grupo de bumba-meu-boi. João Atenas estudou na escola Mecenaz Falcão, situado na cidade de Grajaú-MA, onde concluiu o ensino fundamental. O mesmo relatou que parou com os estudos no 1º ano do ensino médio por não conseguir conciliar seu tempo com o trabalho e a escola.

Mesmo diante das dificuldades em decorrência das enchentes que já provocaram inúmeros prejuízos em seu espaço que fica localizado no bairro Trizidela, João Atenas continua ativo aos 65 anos e disposto a fazer história com seus projetos culturais e musicais, dançando, cantando toadas e levando um grande legado para as gerações vindouras. Em 17/12/2021, a UFMA conferiu ao Mestre Atenas o certificado de honra ao mérito cultural. Neste mesmo ano, lançou um disco com composições autorais para celebrar os 30 anos do *Boi Brilho da Noite*.

SALGADO MARANHÃO⁹ **1953/CAXIAS**

Um dos proeminentes poetas de sua geração, José Salgado Santos nasceu no dia 13/11/1953 no povoado de Cana Brava das Moças, na cidade de Caxias, interior do Maranhão. Filho da camponesa Raimunda Salgado dos Santos e do comerciante Moacyr dos Santos Costa, sendo que enquanto o pai pertencia à elite maranhense a mãe era descendente de escravizados. Aos 15 anos, ainda adolescente, mudou-se com os irmãos e a mãe para Teresina-PI, onde foi alfabetizado. Sendo assim, sua alfabetização, que começou tarde, foi concluída em 1968. Estudou na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), residindo na Casa do Estudante Universitário (CEU). Hoje é poeta, jornalista, compositor (letrista) e consultor cultural. Além disso, foi também terapeuta corporal, atuando como professor de Tai Chi Chuan e mestre em Shiatsu.

Salgado Maranhão deixou a família no Nordeste e se mudou sozinho para o Rio de Janeiro. Posteriormente, o personagem participou do movimento de poesia marginal que vigorou nos centros urbanos do país nos anos 1970. Sua obra poética – da qual *Voz* é um especial exemplo – é marcada pela desestruturação textual e incorpora dor e violência enfrentadas cotidianamente. Nota-se uma preocupação em recompor, em suas obras, árdua e agudamente, o universo simbólico que tem sido historicamente um espaço interdito às variadas manifestações da população negra. Em 1978, foi um dos organizadores, junto com Sergio Varela Natureza e

⁹ Os dados biográficos de Salgado Maranhão foram compilados no portal Literafro da Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <https://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/416-salgado-maranhao> E no Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/salgado-maranhao/>

Moacyr Félix, do livro *Ebulição da escrivatura* (1978). Em 2019, viajou para os EUA, onde foi uma das principais atrações, como palestrante, em universidades no Texas e Louisiana.

Suas obras tiveram bastante repercussão no Brasil. Seus primeiros poemas foram editados na antologia, intitulada *Ebulição da escrivatura* (1978). Em seguida, publicou os seguintes livros: *Aboio, ou saga do nordestino em busca da terra prometida* (1984); *Punhos da serpente* (1989); *Palávrora* (1995); *O beijo da fera* (1996); *Mural de ventos* (1998); *Sol sanguíneo* (2002); *Solo de gaveta* (2005); *A pelagem da tigre* (2009); *A cor da palavra* (2010). Ganhou vários prêmios, entre eles, o Jabuti, em 1999, com o livro *Mural de ventos*, e o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras, em 2011, com o livro *A cor da palavra*. Seus poemas estão traduzidos em inglês, italiano, francês, alemão, sueco e hebraico.

Além disso, como compositor, tem gravações e parcerias com grandes nomes da Música Popular Brasileira, como Alcione, Elba Ramalho, Dominguinhos, Paulinho da Viola, Ivan Lins, Zizi Possi, Ney Matogrosso, Elton Medeiros, Rita Ribeiro, Zé Renato, Selma Reis, Rosa Maria, Xangai, Vital Farias, Zé Américo Bastos, Moacyr Luz, Amélia Rabelo, Carlos Pitta, Gereba, Mirabô Dantas. Wagner Guimarães e Naeno.

Salgado destaca-se pelo trato apurado da linguagem e pelo domínio dela. Sua relação de intimidade com a palavra escrita demonstra uma postura centrada diante do fazer poético e da vida. Influenciado pela filosofia oriental, o poeta traz para seus versos o estado de equilíbrio empenhado na reavaliação dos valores instituídos. O ser humano mostra-se cada vez mais limitado e distanciado da realidade em que vive. Nesse sentido, torna-se necessário soltar as cordas do estipulado e experimentar o desconhecido. É isso que o autor faz com sua poesia: toma a palavra e descobrindo-a de seus significados usuais, explora sua condição polissêmica apontando para o caráter simples e transitório das coisas.

UBIRAJARA FIDALGO¹⁰ **1949-1986/CAXIAS E SÃO LUÍS**

Nascido em Caxias-MA em 22/07/1949, Ubirajara Fidalgo foi uma das grandes personalidades negras do século XX. Iniciou seus estudos nas artes cênicas aos 17 anos no curso de iniciação teatral de Jesus Chediak, em São Luís-MA. Foi de suma importância para o movimento negro no Brasil, sendo um dos coordenadores do Instituto de Pesquisa e Cultura

¹⁰ Os dados biográficos de Ubirajara Fidalgo foram compilados no Portal Geledés/Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ubirajara-e-alzira-fidalgo-e-a-experiencia-politica-do-teatro-profissional-do-negro/> E na Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/lista-de-personalidades-negras-2013-ubirajara-fidalgo>

Negra (IPCN), que tinha como propósito lutar contra o racismo, o preconceito e a discriminação racial nas décadas de 1970 e 1980.

Ainda nos anos de 1970, o ator e dramaturgo foi também o fundador da companhia de Teatro Profissional do Negro (TEPRON), aliando a montagem de suas peças teatrais às questões relevantes relacionadas ao racismo, a discriminação no Brasil, o preconceito, a homofobia, a desigualdade social e a ditadura militar. Além disso, o TEPRON foi imprescindível para os jovens negros que na época tiveram grandes oportunidades de ingressar suas carreiras nas peças que o mesmo escrevia.

Casou-se com a produtora Alzira Fidalgo, que deu vida aos seus textos e logo levou aos palcos as obras que buscaram a inserção real do negro no campo das artes cênicas. Ubirajara Fidalgo abordou as questões que permeavam o debate político contando com a participação do público oprimido e sem voz. Foi também o proclamador da inserção do debate racial nos palcos teatrais e nas suas pautas militantes. Sua última encenação ocorreu por volta de 1985, com a peça *Tuti* que ficou um ano nos cartazes do cinema Calouste Gulbenkian e que hoje carrega o nome de Centro de Artes Calouste Gulbenkian. Prestes a festejar seus 37 anos, na manhã do dia 03/06/1986, o dramaturgo morre logo após receber um transplante de rins que ocorreu no hospital de São Lucas, na cidade do Rio de Janeiro.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Inicialmente faremos uma apresentação dos personagens pesquisados e biografados, cujo título será *Onde estão os negros do nosso Maranhão? Conhecendo as trajetórias dos personagens que fizeram história*. Logo em seguida, propomos um jogo para que estudantes do 9º ano do ensino fundamental possam conhecer as trajetórias de homens e mulheres negros/as que marcaram a história do Brasil no século XX. Compreende-se o jogo como prática cultural que pressupõe a interação social e que se alicerça em experimentações pedagógicas de construção do conhecimento histórico na escola, notadamente “pela capacidade de criar vínculos entre os pares (jovens estudantes), dos pares com os mestres (adultos professores) e de ambos com os saberes e fazeres que circulam dentro e fora da sala de aula” (Meinerz, 2018, p. 73).

É preciso reconhecer, portanto, o lúdico como elemento educativo capaz de potencializar o ensino de história. Por meio das minibiografias elaboradas, a expectativa é despertar emoção e encantamento nos estudantes com as questões/dilemas vividos por diferentes homens e mulheres, habitantes de outros tempos e espaços, bem como seus modos de agir, sentir e pensar. Nessa perspectiva, o professor então é convidado a desenvolver a habilidade de construir jogos em que as práticas de diálogo intelectual e afetivo se constituem como balizas centrais. Torna-se

relevante ressaltar que nesse processo o docente “faz escolhas, adapta, cria, recorta, tanto formas de jogar, quanto conteúdos para o jogo”, imbuído da ideia de que pesquisa e docência se alimentam reciprocamente (Meinerz, 2018, p. 76).

Diversas formas de jogos e competições são utilizadas no cotidiano das salas de aula como forma de estimular o desenvolvimento de crianças e jovens, seja para facilitar a compreensão escrita e oral e até mesmo incentivar a relação e a solidariedade de grupo e o trabalho em equipe (Andrade, 2007, p. 91-92). No entanto, é preciso ter clareza dos objetivos e resultados destas propostas pedagógicas. Ademais, não podemos esquecer “o que ele ensina e como pode, se bem planejado, potencializar a estruturação e ressignificação dos saberes escolares” (Andrade, 2007, p. 92).

Em linhas gerais, enquanto recurso didático-pedagógico, o jogo pode se tornar um grande aliado no processo de construção do conhecimento, tendo em vista que crianças e adolescentes geralmente estão “familiarizados com várias modalidades de jogos e competições no ambiente extraescolar” (Andrade, 2007, p. 93). O ambiente escolar seria, neste caso, um espaço privilegiado para se restabelecer a relevância de jogos coletivos que estimulem a concentração, o raciocínio e a cooperação, a competição, a experimentação e a auto afirmação (Andrade, 2007, p. 94).

Jogos teatrais sobre determinados eventos históricos, histórias ou poemas construídos por jovens e adolescentes sobre o modo de vida de pessoas de outras épocas, histórias em quadrinhos, etc. são atividades e experiências que podem contribuir para que os estudantes construam “noções de temporalidades, comparações, noções de processos e transformações, operações de identificação e diferenciação que lhes permitem conhecer diferentes realidades históricas e refletir sobre sua própria realidade” (Andrade, 2007, p. 95).

A proposta da atividade é chamar a atenção dos estudantes de ensino fundamental para a relevância de se incluir outros personagens em suas formações. Com a elaboração das minibiografias, almejamos contribuir para ressignificar e romper com as representações de subalternização e invisibilização ainda presentes, seja na narrativa histórica e mesmo no cotidiano (Lima, 2018, p. 19-20). Dessa maneira, a possibilidade de refletir sobre as trajetórias destes personagens poderá sensibilizar os discentes para o tema das desigualdades socioeconômicas, de gênero e de raça e, igualmente, para processos históricos de silenciamento e exclusão de determinados sujeitos e grupos.

JOGO DE CARTAS

Neste jogo nos inspiramos na proposta da professora Perla Santos, que leciona na escola municipal de ensino fundamental Mario Quintana, em Porto Alegre. A professora Perla Santos criou um jogo de cartas com personagens negros/as, o Bafo Afro, com o intuito de incentivar o conhecimento da cultura afro-brasileira. O objetivo é levar mais representatividade para o ambiente escolar, além de estimular os estudantes, em sua maioria negros, a enxergarem o seu próprio potencial. O bafo é um jogo de figurinhas em que cada carta corresponde a um personagem que possui habilidades que equivalem a uma certa quantia de pontos. O propósito aqui é que os alunos aprendam de forma lúdica e despertem a curiosidade de conhecer a história desses e de outros personagens negros que marcaram a própria história do Brasil. Vamos ao jogo!

O jogo ocorrerá da seguinte forma: produziremos cartas com os personagens pesquisados, contendo informações sobre os mesmos. Em seguida, os participantes irão recortar e colorir. As partidas serão em dupla. Duas cartas devem ficar viradas para baixo sobre a mesa e um jogador por vez deve espalmar a mão sobre a carta. Quem conseguir virar primeiro, pontua. No final, quem tiver mais cartas viradas, ganha. Além disso, quem garantir mais figuras femininas leva a melhor. Como assinalou a professora Perla Santos, na reportagem de Flávia Martinelli para o blog Mulherias, a valorização da mulher deve ser a regra básica do jogo, pois “nós, mulheres pretas, sempre fomos negadas, esquecidas, por isso era justo darmos um valor maior para as personagens femininas e acrescentar mais pontos às cartinhas que tem elas”¹¹.

¹¹ Disponível em: <https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2019/12/20/professora-de-escola-publica-cria-jogo-de-cartas-com-herois-negros/> Acessado em: 30/06/2022.

Imagem 1: Cecília Sampaio.



Fonte: Spotify, 2022.

Imagem 2: Maria do Espírito Santo



Fonte: Rede Feminista de Saúde, 2021.

Imagem 3: Salgado Maranhão.



Fonte: Latin American Literature Today, 2021.

Imagem 4: Ubirajara Fidalgo.



Fonte: Fundação Cultural Palmares, 2021.

Imagem 5: João do Vale.



Fonte: Musica Brasilis, 2021.

Imagem 6: Mestre Atenas.



Fonte: Instagram, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais desafios, notadamente nos primeiros anos após a promulgação da Lei 10.639/2003, e que tem sido enfrentado, é a escassez de materiais didáticos sobre o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira. A nossa proposta partiu de algumas iniciativas já realizadas (Schumacher; Brasil, 2006; Lopes, 2011; Gomes; Lauriano; Schwarcz, 2021), no sentido de conferir visibilidade a personalidades afro-brasileiras. Cabe salientar que o uso de biografias no estudo da história “permite tornar concretas experiências vividas no passado, bem como colocar em xeque visões generalizadas a respeito de trajetórias e modos de vida que desconhecemos” (Alberti, 2012, p. 73-74). Além disso, é de suma importância a construção de uma reflexão acerca do porque determinados personagens são lembrados, e outros silenciados, seja no ensino ou na pesquisa¹³.

Desde a Constituição de 1988, passando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, até a legislação mais recente, “assiste-se a um progressivo reconhecimento, no plano formal, da necessidade de se promover maior justiça social a partir da valorização e afirmação de culturas e identidades tradicionalmente negadas ou silenciadas” (Santos, 2013, p. 57-58). Nesse sentido, a emergência de uma legislação voltada a tal perspectiva se coaduna com reivindicações históricas dos movimentos sociais, em especial, o movimento negro, ao mesmo tempo em que propicia “processos de orientação curricular e demanda a constituição de novos saberes e práticas escolares e docentes” (Santos, 2013, p. 57-58).

A partir da experiência de elaboração deste trabalho, foi possível perceber, de maneira mais concreta, os desafios e as possibilidades envolvidas na construção de práticas pedagógicas voltadas ao ensino da história e da cultura afro-brasileira na educação básica. O processo de pesquisa, seleção e organização das minibiografias evidenciou que muitos dos personagens analisados, apesar de sua relevância histórica, cultural e social para o Maranhão e para o Brasil, ainda permanecem pouco presentes nos materiais didáticos e nas abordagens escolares, o que reforça a necessidade de ampliação de iniciativas que contribuam para sua visibilidade.

Nesse percurso, a construção das minibiografias configurou-se não apenas como uma atividade acadêmica, mas também como uma experiência formativa, possibilitando o contato com trajetórias marcadas por resistência, produção cultural e atuação política. Tal processo contribuiu para a compreensão da importância de práticas educativas que valorizem a diversidade e promovam o reconhecimento de identidades historicamente marginalizadas. Observou-se, ainda, que o uso de narrativas biográficas pode favorecer a aproximação dos estudantes com os conteúdos históricos, tornando o aprendizado mais significativo e relacionado às realidades

¹³ Ver, a esse respeito, o artigo de Lima (2018).

sociais vivenciadas.

Além disso, a realização deste estudo suscitou reflexões acerca do papel do/a professor/a enquanto mediador/a de conhecimentos comprometidos com a construção de uma educação mais inclusiva e antirracista. A inserção dessas trajetórias no ensino de História contribui para a problematização de narrativas únicas e para o reconhecimento da pluralidade de sujeitos que participaram da formação da sociedade brasileira. Portanto, torna-se relevante incluir “novos” sujeitos na narrativa histórica e escolar – personagens estes em geral silenciados ou esquecidos pelos nossos manuais, livros didáticos e compêndios mais tradicionais – pesquisando como organizaram memórias, relataram a originalidade de suas vivências e quais vestígios sobre suas expectativas, projetos e utopias deixaram (Gomes; Lauriano; Schwarcz, 2021, p. 15-16).

Como diria Josep Fontana (1998), falar do passado de uma sociedade é posicionar-se em relação ao tempo presente. É também definir-se em relação às lutas e aos projetos sociais em disputa na sociedade em que vive o/a educador/a. Isto posto, retomamos os versos do samba-enredo *História para ninar gente grande*, que menciona figuras importantes da resistência negra no Brasil, para convidar estudantes e professores/as a “ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês”.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 61-88, 2012.

ANDRADE, Débora El-Jaick. O lúdico e o sério: experiências com jogos no ensino de história. **História & Ensino**, Londrina, v. 13, p. 91-106, 2007.

ATENAS, João da Cruz. Entrevista realizada por Bruna Silva Sampaio. Ponto de Cultura, Grajaú-MA, 30 set. 2022.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-233.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento curricular do território maranhense para a educação infantil e o ensino fundamental**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

BRASIL. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC/Secad, 2004.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LIMA, Fabiana Ferreira de. “Personalidades negras?! Só conheço Zumbi, professora!”. A construção do “herói” e a invisibilização do negro na história. **Revista da ABPN**, Curitiba, p.

05-21, 2018.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MEINERZ, Carla. Jogar com a História na sala de aula. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). **Jogos e ensino de história**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018, p. 73-86.

OLIVA, Anderson Ribeiro; CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 12, n. 25, p. 06-38, 2023.

PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (org.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PEREIRA, Ligia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 117-127, 2000.

SANTOS, Lorene dos. Ensino de história e cultura africana e afro-brasileira: dilemas e desafios da recepção à Lei 10.639/03. In: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (org.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 57-83.

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital (org.). **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: REDEH, 2006.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Biografia como gênero e problema**. História Social, Campinas, n. 24, p. 51-74, 2013.

SEVERIANO, J.; MELLO, Z. H. de. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras**, vol. 2: 1958-1985. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, Tauana Olívia Gomes. Maria do Espírito Santo Tavares dos Santos: a contribuição de uma mulher negra na construção dos movimentos de mulheres e feministas. In: Simpósio Nacional de História, 28., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 01-16.

SILVA, Tauana Olívia Gomes. **Mulheres negras nos movimentos de esquerda durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985)**. 2019. 528 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.